

# humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II  
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



VICTOR JABOUILLE  
*Universidade de Lisboa*

**PERIPLO DE HANNON — TRADUÇÃO  
DE UM TEXTO GREGO PUBLICADA NO  
JORNAL DE COIMBRA (1813)**

O *Jornal de Coimbra* publicou no seu número V (1813), páginas 65-78, o «Periplo ou circumnavegação de Hannon, trasladado do Grego em Linguagem por \*\*\*\*\*». A publicação de um texto com as características do *Périplo de Hanão* no referido jornal e, sobretudo, nos moldes em que foi feita, deve ser devidamente assinalada e analisada.

O *Périplo* é a narrativa da viagem realizada por um rei de Cartago, Hanão, ao longo da costa ocidental de África. De acordo com a tradição, o texto inicial do *Périplo* — perdido — foi redigido em púnico pelo próprio rei e depositado no templo de Ba'al Hamon na cidade de Cartago. O texto chegou até nós numa tradução grega resumida, talvez dos finais do século IV a.C.

Muitas têm sido as opiniões sobre o *Périplo*, considerado por alguns estudiosos como totalmente inventado<sup>1</sup> (talvez a partir de uma fonte mais antiga: Heródoto<sup>2</sup>) e verídico por outros. Para estes últimos, o *Périplo* tanto pode narrar uma viagem curta pela costa atlântica de Marrocos<sup>3</sup> (a

---

<sup>1</sup> Cf., p. e., Paul Pédech, *La Géographie des Grecs*, Paris, P.U.F., 1976.

<sup>2</sup> Gabriel Germain, «Qu'-est ce que le Périplo d'Hannon? Document, amplification littéraire ou faux intégral?», *Hespéris-Tamuda*, XLIV, 2, 1955, pp. 202-248.

<sup>3</sup> Cf., p. e., K. Müller, *Geographi Graeci Minores*, Hildesheim, Georg Olms, 1965<sup>3</sup>, e Raymond Mauny, «La navigation sur les côtes du Sahara pendant l'Antiquité», *Revue des Études Anciennes*, LVII, 1955, pp. 92-101.

arqueologia confirma a existência de estabelecimentos púnicos antigos<sup>4</sup>) ou até às Canárias<sup>5</sup>. Para outros autores, finalmente, o *Périple* relata uma viagem autêntica e de grande extensão<sup>6</sup>, chegando alguns a admitir como extremo sul da viagem a Ilha do Príncipe (ponto da viragem para o regresso em direcção ao norte, aproveitando os ventos predominantes do sul e navegando pelo largo<sup>7</sup>).

O ponto de partida científico da «tese longa» é a leitura correcta de *πάλιν* (parágrafo 4.º) feita por J. Carcopino<sup>8</sup>, que permite compreender a viagem tendo em conta a situação de Lixo. A localização de Lixo era conhecida: simétrica em relação a Gades e a igual distância do Estreito de Gibraltar. Manter a ordem narrativa aparente era localizar o rio Lixo (parágrafo 6.º) muito a sul e aceitar uma ilógica repetição toponímica. A correcta tradução do advérbio no parágrafo 4.º como «no sentido inverso» solucionou o problema.

A tradução anónima de 1813 é acompanhada pela publicação do texto em grego, antecedida por uma «Introdução»<sup>9</sup> e completada por um conjunto de trinta *poucas e não prolixas Notas Grammaticaes e Filologicas*<sup>10</sup>, todas da autoria do tradutor, que esclarecem e justificam passos da tradução ou do próprio texto<sup>11</sup>.

Pelos comentários inclusos nas notas, podemos concluir que o Autor é um erudito com conhecimentos não só da língua como da literatura e da cultura gregas antigas. Manifesta, por outro lado, um conhecimento crítico

<sup>4</sup> Cf., p. e., André Jodin, «L'archéologie phénicienne au Maroc. Ses problèmes et résultats», *Hespéris-Tamuda*, VII, 1966, pp. 9-16, e *Mogador, comptoir phénicien du Maroc Atlantique*, Rabat, Division des Monuments et des Antiquités, 1966, e Michel Ponsich, «Fouilles puniques et romaines à Lixus», *Hespéris-Tamuda*, VII, 1966, pp. 17-22.

<sup>5</sup> P. Schmitt, «Connaissance des Îles Canaries dans l'Antiquité», *Latomus*, XXVII, 1968, pp. 378-391.

<sup>6</sup> Cf., p. e., R. Sénac, «Le Périple du Carthaginois Hannon», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé. Supplément Lettres de l'Humanité*, XXV, 4, 1966, pp. 510-538, e Jehan Désanges, *Recherches sur l'activité des Méditerranéens aux confins de l'Afrique (VI<sup>e</sup> siècle avant J.-X. — IV<sup>e</sup> après)*, Gilbert e Colette Charles-Picard, *La vie quotidienne à Carthage au temps d'Hannibal. III<sup>e</sup> siècle avant Jésus-Christ* (trad. portuguesa *A vida quotidiana em Cartago no tempo de Aníbal. Século III antes de Jesus Cristo*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.).

<sup>7</sup> J.D. Demerliac e J. Meirat, *Hannon et l'Empire Punique*, Paris, Les Belles Lettres, 1983.

<sup>8</sup> *Le Maroc Antique*, Paris, Gallimard, 1948.

<sup>9</sup> Pp. 65-66.

<sup>10</sup> P. 66.

<sup>11</sup> Pp. 71-78.

do enquadramento do *Périplo*, não recusando basear-se nos comentários ao texto da edição que lhe serve de suporte. Alia, de forma inteligente, os seus conhecimentos sobre a Antiguidade Clássica ao dos textos dos autores antigos, que refere e cita adequadamente, e da história dos descobrimentos portugueses na perspectiva nacional do início do século XIX.

Inocêncio Francisco da Silva, no tomo VII do seu indispensável *Diccionario Bibliographico Portuguez*<sup>12</sup>, apresenta como autor da tradução Thomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso, oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, *bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra*, nascido a 4 de Agosto de 1755 na colónia de Sacramento (América meridional) e falecido em Lisboa a 7 de Agosto de 1820<sup>13</sup>. O erudito intérprete da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros é considerado por Balbi<sup>14</sup> como alguém que sabia perfeitamente as línguas grega, latina, francesa, italiana, espanhola, inglesa, dinamarquesa, sueca, alemã, holandesa, turca, árabe e russa, bem como as respectivas literaturas.

Tomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso é um caso notável de erudição e, simultaneamente, de discrição, já que os trabalhos que lhe são atribuídos foram publicados anonimamente. Além do *Périplo*, Inocêncio<sup>15</sup> também lhe atribui a autoria de um artigo publicado no volume VI do *Jornal de Coimbra*<sup>16</sup>, intitulado «Resumo histórico dos principaes portuguezes, que no seculo decimo-sexto compuzeram em latim». O próprio Inocêncio admite a sua ignorância acerca desta personagem: *Póde bem ser que n'este jornal, ou em outra parte existam impressos mais alguns trabalhos de Thomé Barbosa. Se alguém acaso os conhecer, e quizer transmitir-me os necessarios esclarecimentos, aproveitarei com gosto essa noticia, para dar-lhe ainda lugar no Supplemento*<sup>17</sup>.

A. A. Gonçalves Rodrigues<sup>18</sup> assinala correctamente a tradução<sup>19</sup> e indica como autor, não referido na tradução mas identificado, Thomé

<sup>12</sup> Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 358.

<sup>13</sup> A informação sobre o nascimento e o óbito é já publicada em suplemento no volume XIX, p. 283.

<sup>14</sup> *Essai statistique*, tomo II, p. CXXIX.

<sup>15</sup> *Op.cit.*, volume VII, p. 358.

<sup>16</sup> Pp. 84-104.

<sup>17</sup> *Loc. cit.*

<sup>18</sup> *A Tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1485 a 1951. Vol. I — de 1495 a 1834*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992

<sup>19</sup> P. 298, entrada 3 072.

Barbosa de Figueiredo. Na página 306<sup>20</sup>, refere nova publicação da tradução no volume LIII, pp. 296-318, do *Jornal de Coimbra*. Tal versão não existe nem o número do volume corresponde ao ano (1815).

O «Periplo ou circumnavegação de Hannon...» é um exemplo muito curioso de erudição clássica e, simultaneamente, de compreensão arguta. O anónimo Autor explica na «Introdução» os motivos que o levaram a concretizar a tradução, realçando o seu interesse: *1.º A variedade do Texto, seja original, ou vertido, que escapou à voracidade do tempo, e que por mais de hum título devera ser familiar a nossos Nacionaes instruídos, e curiosos de saber até aonde levarão os Carthaginezes, Nação marítima e ousada, seus conhecimentos da Costa Occidental de Africa, para lhes poderem oppor as arriscadas e gloriosas navegações que desde o Seculo quintodecimo tanto nos engrandecerão e immortalisárão, e ver a la par o muito que nesta parte nos avantajamos dos Antigos, e riscamos por cima de todos elles. 2.º O não se haver até aqui dado à luz em linguagem se quer uma só traducção deste curioso documento da Antiguidade*<sup>21</sup>.

O primeiro argumento exterioriza um moderno espírito comparativo e de alargamento de conhecimentos, não sem exaltar, de forma patriótica<sup>22</sup>, a superioridade portuguesa. O segundo denota um espírito de curiosidade científica, de interesse pela cultura antiga e de consciência da necessidade de a divulgar, além de acentuar a importância. A erudição geral é patenteada, por exemplo, nas duas notas à «Introdução»: uma, justificativa da utilização do vocábulo *circumnavegação*<sup>23</sup>, e outra acerca da originalidade da tradução impressa, assinalando a referência do erudito veneziano João Baptista Ramúsio a uma tradução portuguesa realizada em meados do século XVI.

O texto apresentado — que acompanha, em coluna à esquerda, a tradução, embora sem correspondência rigorosa — reproduz o publicado por Conrad Gesner e Samuel Bochart, em 1774, em Leyde, na edição dos fragmentos de *Urbibus et Populis* de Estêvão de Bizâncio. Convém salientar as duas afirmações finais da «Introdução»: a tradução é literal, para

<sup>20</sup> Entrada 3 191.

<sup>21</sup> Pp. 65-66.

<sup>22</sup> Acentuado, por exemplo, na nota 27: *Notu Ceras, (Promontorio do Sul). Querem huns que elle fosse o Cabo Lopo, em que começa o Reino do Congo; outros que fosse o Cabo Non, e outros o Cabo Formoso. Todos estes Cabos porém forão devidos aos descobrimentos dos Portuguezes* (p.77).

<sup>23</sup> ... somos forçados a introduzilla pela imperiosa lei da necessidade, visto ser a unica que exactissimamente corresponde ao περίπλους dos Gregos (p. 65).

ser mais clara, e o comentário histórico e geográfico é limitado, o que justifica o convite do Autor a *algum distinto Sabio da Nação* a completar essa tarefa.

A tradução é correcta e objectiva: segue de perto o texto grego e recorre a uma construção elegante e simples e a um vocabulário rico e tecnicamente adequado, marcado, naturalmente, pelo estilo da época. Com algumas actualizações ortográficas, vocabulares, sintácticas e de pontuação, é uma tradução que ainda se lê com agrado.

Devemos salientar a preocupação em recorrer a expressões e termos portugueses relacionados com a navegação: *desaferrando/desaferrámos*, *amarámos*, *surdindo/surdimos*, *costeámos*, *fazer aguada*. Uma opção curiosa — e que tem a ver com o modo como a cultura grega ainda era encarada em Portugal no início do século XIX — é a tradução de nomes próprios, reflexo do que poderemos designar por *romanização cultural*. De facto, Hércules, Crono e Posídon são traduzidos pelos nomes correspondentes de origem latina: Hércules, Saturno e Neptuno. Quanto aos topónimos, eles são simplesmente transliterados para português, com excepção de Cremetes, por hipotética identificação esclarecida em nota.

O domínio efectivo da língua grega é patente nalgumas soluções da tradução. Atente-se, por exemplo, no início. *Aprove aos Carthaginezes* corresponde ao grego Ἐδοξεν Καρχηδονίοις<sup>24</sup> ou no modo como se precisa a localização de Timiatiério: *porque lhe ficava sotoposta* (πεδίον δ' αὐτῆ) *huma grande planície*<sup>25</sup>.

Apesar do rigor do trabalho, subsistem alguns pormenores corrigíveis. Assim, no parágrafo 2, surge a tradução *navegámos caminho seis dias*, quando o numeral presente (e não contestado) no texto grego é δυοῖν. Considerando que não surge qualquer explicação — nem leitura diferente pelos comentadores —, trata-se de uma falha (menor). No parágrafo 8, há uma omissão, dado que a expressão que concretiza a duração da viagem para nascente não é traduzida: ἡμέρας δρόμον. Consideramos ainda de assinalar dois pormenores da tradução: recurso ao vocábulo *línguas* para designar o moderno intérprete (ἑρμηνέας<sup>26</sup>) e a curiosa «nacionalização» de ἀσύνητα<sup>27</sup>: *algaravias ininteligíveis*.

<sup>24</sup> Parágrafo 1.

<sup>25</sup> Parágrafo 2.

<sup>26</sup> Parágrafo 8.

<sup>27</sup> Parágrafo 11.

Um passo da tradução expressa um desfasamento cultural, ao explorar a utilização do vocábulo *thymiamas*<sup>28</sup>, justificado na nota 25: *Thymiamas, θυμιαμάτων, incensarios ou thuribulos. Parece-nos que por hum modo metaforico, assim chamou Hannon a esta região ardente dos sacrificadores, em razão de que, pelas muitas torrentes de fogos, figurativamente parecia ser esta huma região de sacrificios; ou porque quizesse antes indicar alguma costa de Ethiopees em particular, se não todos elles em geral, que consta forão os primeiros sacrificadores dos Deozes πρώτοι (sic) καὶ θεῶς ἐτίμησαν, diz Estevão de Byzancio, pag. 41, n.71. O mesmo diz Diodoro Siculo no 1. 3.º falando nas seguintes palavras, traduzidas: Apud se omnium primos Deos colere, sacrificorum pompas et conventus solemnes, et alia per quae homines Deo honorem impendunt inventa aiunt. Já pôde ser que fossem estes thymiamas montes na Ilha do Fogo, huma das de Cabo Verde, se he que não fosse algum braço do Atlas de que acima falámos (e mais nos agrada este parecer) onde, postoque se não descubra hoje hum só volcão, pôde ser que alli os houvesse antigamente<sup>29</sup>.*

Outros pormenores da tradução supõem um estágio de interpretação hermenêutica e histórica. Salientemos os casos de κατοκίσσαμεν<sup>30</sup>, de ἐκτίσαμεν<sup>31</sup> e de κτίζειν<sup>32</sup>, traduzidos por *fundar/fundámos*. Consideram os críticos que o sentido da primeira forma verbal, confirmado pelas outras fontes, é o de *povoar de novo*, supondo um repovoamento de locais anteriormente colonizados<sup>33</sup>. Este sentido não coincide, assim, com o das outras formas, a que corresponde um efectivo acto de construir ou fundar *ab initio*.

Duas importantes soluções da tradução subentendem opções culturais. A introdução do vocábulo *circumnavegação* a par e com o mesmo sentido de *périplo* é justificado em nota à «Introdução»: *Se em nenhum dos nossos Classicos se encontra a palavra Circumnavegação, somos forçados a introduzilla pela imperiosa lei da necessidade, visto ser a única que exactissimamente corresponde ao περίπλους dos Gregos. Além de que, não ha maior razão para usarmos de circumstancia, circumloquio, etc., etc. do que deste termo circumnavegação<sup>34</sup>. O vocábulo périplo (do grego*

<sup>28</sup> Parágrafo 15.

<sup>29</sup> P. 77.

<sup>30</sup> Parágrafo 5.

<sup>31</sup> Parágrafo 2.

<sup>32</sup> Parágrafo 1.

<sup>33</sup> Sentido que se encontra, p. e., em Plat., *Ep.*, 357b.

<sup>34</sup> P. 65.



περίπλους através do latim *periplu-*) significa *navegação à volta de* (correspondendo, portanto, a *circum-navegação*). É utilizado com o sentido de viagem à volta de um mar, de um país, de um continente ou, posteriormente, como a narração dessa viagem. O seu sentido evoluiu para o de *descrição de costa*. No caso presente, *périplo* designa navegação ao longo da costa de um continente. *Circum-navegação* especializou-se com o sentido de *dar a volta de ilha, continente, etc., navegando; rodear navegando*<sup>35</sup>, pelo que não nos parece, hoje, uma solução correcta.

O segundo caso a referir é a identificação de Hanão como *General dos Carthaginezes*. Na primeira nota à tradução — aliás de grande erudição —, justifica-se a opção: *ΒΑΣΙΛΕΥΣ diz o Texto. Ainda que a palavra βασιλεύς primariamente signifique Rei, comtudo ella denota tambem General ou Cabo que governa todo o Exercito ou Armada, e por isso julgamos que a deviamos entender nesta segunda significação. Em Portuguez igualmente se entende por General o Oficial em Chefe, quer do Exercito, quer da Armada, e neste ultimo sentido se chamavão Generaes os dous irmãos Castor e Pollux, pelo cuidado que tinham dos Navegantes, e por haver sido sua primeira facção o desapressar o Archipelago dos piratas que o infestavam, segundo a maneira porque vem sua fabuloza historia recontada por Apollodoro, que seria supervacaneo de referir neste lugar. Veja-se o rarissimo Lexicon Grego de Simão Gryneo, publicado em Basilea em 1539. Não nos oppomos todavia aos que entenderem por βασιλεύς illustre, excellente, famoso; pois assim interpreta Eusthatio, o melhor Commentador de Homero, tanto a palavra βασιλεύς, como o termo ἄναξ; posto que ao juízo de Isocrates, exprime ἄναξ menos que βασιλεύς, chamando Jupiter deste ultimo nome, e a todos os mais Deoses ἄνακτες*<sup>36</sup>.

Pouco se sabe acerca de Hanão, nome de vários chefes púnicos. A tendência predominante é considerá-lo um Magónida, embora a expressão *ΚΑΡΧΗΛΟΝΙΩΝ ΒΑΣΙΛΕΥΣ*, pelo seu tom vago, tenha levado alguns autores a considerá-lo uma personagem de ficção. Com fundamento em Heródoto<sup>37</sup>, é identificado com o pai de Himilcão e não de Magão, como afirma Crisóstomo<sup>38</sup>. Diodoro<sup>39</sup> considera-o pai de Amílcar e de

<sup>35</sup> *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia Limitada, s.d., s.u.

<sup>36</sup> P. 71.

<sup>37</sup> VIII, 165.

<sup>38</sup> *Orat.*, I, 522R.

<sup>39</sup> XIII, 18, 2.

Himilcão, o que permite a K. Müller<sup>40</sup> afirmar que teriam existido dois reis importantes com o mesmo nome. A solução parece ser, pois, manter o sentido mais geral do grego βασιλεύς e traduzir por *rei*, que, aliás, está de acordo com o sistema político cartaginês. Saliente-se, mais uma vez, a lógica erudita do comentário.

A seriedade e a procura de fundamentação erudita denotados na «Introdução» são acentuados nas trinta notas que, como acervo crítico, completam o trabalho. As notas são de três tipos:

- \* notas que esclarecem o texto, nomeadamente a nível cultural;
- \* notas que comentam linguisticamente o texto;
- \* notas que justificam opções do tradutor.

O primeiro conjunto de notas integra principalmente os comentários aos vários topónimos referidos no texto e assentam, como o tradutor confirma, nos comentários dos editores e em Estêvão de Bizâncio, o grande guia para a identificação geográfica (os locais reconhecidos coincidem com os que são conhecidos por Estêvão de Bizâncio<sup>41</sup>). Tal não exclui que o comentador não faça sentir a sua presença e é curioso verificar como à erudição clássica e à procura de precisão científica se acrescentam, com demasiada facilidade, a útil erudição nacional, a deformação cristã e alguma confusão cultural, nomeadamente a nível de enquadramento cronológico. Um exemplo caracterizante é o da nota 4<sup>42</sup>, que identifica a cidade de Timiatério: *Thymiaterion parece ser a mesma que Thymiateria, Cidade da Lybia, de que falla Estevão de Byzancio de Urbibus et Populi, pag. 314 n. 7 e Thymiaterias de que faz menção o Periplo de Scylax Caryo, publicado por Hoeschelius. Eis aqui o que diz este na traducção. Post Lixum, Crabis fluvius, et portus et urbs Phoenicam Thymiaterias nomine. Refere o nosso sábio Thomé Pinedo (de Pinhel) que crem alguns ser ella Azamur, ou Azamor, como nós dizemos; outros porém a tem por Tingis ou Tanger. Aqui cumpre observar com Lucas Hostein, em sua engenhosissimas e nunca assás louvadas Notas e Emendas a Estevão de Byzancio, que no Périplo de Scylax duas vezes vem erradamente Θυμιατηρίας, em vez de Θυμιατηρία, como em Estevão de Byzancio: Hannon porém usa Θυμιατήριον, no genero neutro.*

<sup>40</sup> *Op. cit.*, p. XXI.

<sup>41</sup> Cf. ETHNIKA (Graz, Akademische Druck-v. Verlagsanstalt, 1958<sup>R</sup>).

<sup>42</sup> P. 71.

Confessa Samuel Bochart que ignora o porque assim chamavão a esta cidade os Fenícios. A nós porém nos parece que seria talvez por que alli houvesse algum Templo ou Capella em que se sacrificasse aos Deoses, e que dahi descenderia o nome de Thymiateria, **incensador, turbulo**; quando não seja que o Traductor Grego quisesse adoçar a palavra **Damathiria**, (πεδίαδα) Cidade campestre; ao menos **Damathir** e **Danthor** significa em Arabe **terra plana**; e por isso, antes da advertencia de mesmo Bochart, ja tinhamos traduzido a partícula, que se lhe segue, δέ, **porém**, por γάρ, **porque**<sup>43</sup>. A referência a Tomé Pinedo não é, infelizmente, localizada.

A tendência «nacionalizante» repete-se em outras notas, algumas das quais exprimem, além de grande erudição, notória ingenuidade: *Ethiopes inhospitos. Deve entender-se dos Ethiopes Occidentaes ou Nigritas, e não dos Orientaes. Os usos e costumes da Ethiopia em geral podem-se ver amplamente descriptos em Diodoro Siculo I. 3., em Strabo I. 1., em Herodoto I. 7., e em muitos modernos, não esquecendo, entre estes, dois de nossos Portuguezes, a saber Francisco Alvares, testemunha ocular, na verdadeira Informação das terras do Preste Joam, segundo vio e escreveu em 1540 fol., havendo para isso mandado pelo sr. Rei d. Manoel de quem foi Capellão; e o insigne Bispo de Sylves, Jeronymo Osorio. feliz imitador de Cicero, vol.IV. de Rebus Emmanuelis, que escreveo com pureza e elegancia não vulgar*<sup>44</sup>.

A tradução pode ser justificada por excursão erudito (caso já referido da nota 1 e da expressão *General dos carthaginezes*, por exemplo) ou por uma nota com preocupações filológicas, como na nota 17: ἀπαράσσω, verbo raro, com o presente ἀπαράσσω, diz Gesner, e que significa **desviar com força, impeto, e fragor, expelir**. Nós o encontramos duas vezes, em Homero, *Ill.*, XIV, vers. 497 e 498:

...ἀπήραξεν δὲ χαμᾶζε  
 Ἀὐτῆϊ σὺν πῆληκι κάρη...

e em Herodoto na Urania: τὼς ἐπιβάτας ἀπὸ καταδυσάσης νηὸς βάλλοντες ἀπήραξαν. Por isso, unindo a significação vulgar, que se encontra nestes dous Authores, à de ferimento, que lhe dá

<sup>43</sup> P. 71.

<sup>44</sup> Pp. 72-73. A nota 14 (p.73), sobre o topónimo Cerne, é outro semelhante e bom exemplo de comentário em que a erudição clássica acompanha a nacional.

*Schneider no Dicionario Critico, Grego e Allemão, tivemos por mais acertado o modo porque o traduzimos*<sup>45</sup>.

Outras notas demonstram o que designámos por desfasamento cultural, isto é, uma visão estática, errónea e cronologicamente distorcida da história: *Ethiopes, isto he, Mouros, ou habitadores de Marrocos. Os antigos davão este nome de Ethiopes, não só aos de côr preta, senão aos morenos, e propriamente fulos, como vemos em Herodoto que denomina Ethiopes os Indios; assim não admira que Hannon dêsse aos Mouros tal nome*<sup>46</sup>.

A nota 15 justifica uma opção de leitura do texto e conseqüente tradução: μετά/μεστά<sup>47</sup>. Os editores modernos optaram por uma lição diferente da do texto editado no *Jornal de Coimbra* (μεστά), ao contrário do que se verifica no parágrafo 18 com a leitura πέτροις por μέτροις<sup>48</sup>.

É curioso verificar como o autor da tradução se debate com um dilema aparentemente sem solução: por um lado, toda a interpretação, identificação toponímica e, sobretudo, comentário final, denotam, para além de uma relação entusiástica com o texto, a crença na veracidade da viagem e uma interpretação que se aproxima da «tese longa»<sup>49</sup>; por outro lado, é patente um patriotismo, que não hesitamos em classificar como ingénuo, que o leva a negar qualquer navegação não portuguesa para sul. É perturbante verificar como toda a pretensão de rigor erudito e equilíbrio de raciocínio e de expressão se anulam em consequência de uma visão nacional da história, a que, certamente, não são alheios os acontecimentos políticos seus contemporâneos. A conclusão da última nota é quase patética: *Não pôde deixar de ser estranha a asserção de Bochart em sua ultima Advertencia, que «he fabuloso tudo o que diz Hannon da navegação para os Promontorios do Poente e do Sul, do monte de fogo, chamado Carro dos Deuses; dos repetidos fogos que só resplandecem de noite; e das Ilhas que resoão do canto das frautas, e do som de tambores e cymbalos»; como se este Sábio, tão consumado em todo o genero de erudição, ignorar podesse a descrição fysica e geografica da Costa Occidental de*

<sup>45</sup> P. 74.

<sup>46</sup> Nota 19, p. 74. Recordemos a já transcrita nota 4.

<sup>47</sup> Parágrafo 9.

<sup>48</sup> Com excepção de W. Aly, «Die Entdeckung des Westerns», *Hermes*, LXII, 1927, p. 324.

<sup>49</sup> Recordemos, apenas, que na nota 15, p. 73, identifica o rio Cretes (ou Chremetes) com o Senegal, apesar da negação «patriótica»: [...] *Este rio pois parece que poder-se-hia tomar pelo Senegal, que foi elle mesmo reputado outr' ora hum braço do Níger, senão fôra sabermos que Hannon não chegou a tal distância.*

*Africa, e a historia dos usos e costumes de seus habitadores*<sup>50</sup>. É, de facto, difícil conciliar o preconceito com o apoio erudito e a relação emotiva com o texto.

A publicação do *Periplo de Hannon* é um fenómeno cultural isolado e, por isso, não significativo, embora interessante em termos de recepção. Não sendo a primeira tradução portuguesa do texto grego — há notícia de uma tradução inédita da autoria de António Ribeiro dos Santos<sup>51</sup> —, ela parece ser, contudo, a primeira impressa, para mais publicada num jornal de prestígio e influente. O tradutor, e comentador, revela sensibilidade para reconhecer a importância da obra no contexto nacional e esboça uma antecipação da curiosidade nossa contemporânea pela temática das navegações e do conhecimento dos espaços distantes na Antiguidade.

Outro aspecto que importa salientar é o grau de formação e erudição clássica e filológica do «anónimo» tradutor. Sendo correcta a informação de Inocêncio, Thomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso é um caso muito curioso de erudição — que foi além da sua formação escolar de «bacharel em leis» — e de predisposição para o conhecimento e prática de línguas estrangeiras.

A publicação do *Periplo ou Circumnavegação de Hannon* parece não ter provocado reacções nos distraídos contemporâneos, já que, por exemplo, os historiadores não o exploram. O autor, por outro lado, não continua a sua tarefa de divulgação de textos clássicos e o Romantismo não apoiará este tipo de trabalhos.

A publicação do *Periplo* no volume V, de 1813, do *Jornal de Coimbra* insere-se no interesse dos eruditos da época pelas obras de autores antigos, embora, pelo seu tema, fuja à tradição geral (principalmente grandes textos líricos). Portugal não tem, de facto, uma tradição de tradução de textos técnicos; a excepção compreensível é Euclides e os seus *Elementos*. Esta conclusão confere ainda maior importância ao trabalho de Thomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso e à sua perspicácia em acentuar o interesse do texto.

---

<sup>50</sup> Nota 30, p. 78.

<sup>51</sup> Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, vol. I, p. 254.